

# Empresários: união de forças contra Lula.

— A disparada de Collor prova que todo mundo se esqueceu da classe média. Parece que ela se definiu. Não há propriamente esquerda e direita, salvo os exagerados do PT — avaliou no final da tarde de ontem Mário Amato, presidente da Fiesp-Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, conhecidos os resultados iniciais e pesquisas de boca-de-urna feitas pelos institutos Data Folha, Ibope e Vox Populi.

Amato deu a tendência dos grandes empresários: contra uma candidatura extremada no segundo turno. Ou seja, contra Lula num confronto com Collor, mesmo que só alguns deles hajam votado, no primeiro turno, no candidato do PRN.

Antonio Ermírio de Moraes, superintendente do grupo Votorantim, declarou não ter votado em Mário Covas — mesmo reconhecendo no senador pelo PSDB as qualidades para fazer um bom governo — e observou ter optado por um candidato que não chegará ao segundo turno. Cláudio Bardella, presidente do grupo Bardella, disse ao votar no Jockey Club, como Ermírio: “Vou votar contra o atraso representado por Lula, Brizola e Roberto Freire. Meu voto é para o candidato do PSDB”.

Olacyr de Moraes, maior produtor individual de soja do mundo e presidente do grupo Itamarati, votou às 9h e depois acompanhou a apuração pela TV. “A questão das alianças para o segundo turno é relativa e pode ser até perigosa, no caso de uma aliança da direita com a esquerda”, observou sem declinar seu voto.

Lázaro de Mello Brandão, presidente do Bradesco, enfatizou a data e não o candidato: “A democracia valoriza a atitude da gente. É o caminho correto, que deve conduzir o Brasil a uma situação melhor. É a forma de consolidar a democracia”.

Léo Wallace Cochrane Jr., presidente da Febraban-Federação Brasileira das Associações de Bancos, votou às 10h30 no Colégio Dante Aleghieri e, como Amato, acompanhou a evolução eleitoral mediante contatos frequentes com o assessor político Ney Lima Figueiredo. Uma rede de informantes de alto calibre



Antônio Ermírio escondeu seu voto, que não foi para Covas.

abasteceu Figueiredo de Norte a Sul, passando por nomes como os do presidente da CNI-Confederação Nacional da Indústria, senador Albano Franco, de Sergipe; Joaquim Francisco, prefeito de Recife; Jorge Konder Bornhausen, senador por Santa Catarina; e Nelson Marchezan, ex-deputado do Rio Grande do Sul. “A sensibilidade dessas lideranças — nota Figueiredo — permite antecipar as tendências”.

Roberto Cayubi Vidigal, presidente da Confab Industrial e conselheiro da Fiesp e da Abdib (Associação Brasileira para o Desenvolvimento das Indústrias de Base), votou em Collor e explicou: “É um sujeito corajoso, moderno, e tem carisma para conduzir mudanças necessárias ao País”.

Carlos Eduardo Moreira Ferreira, vice-presidente da Fiesp, votou em Mário Covas e afirmou que “o importante é o programa dos candidatos”, avançando: “Tenho mais confiança no pessoal que cerca o Covas. Collor não teve experiência administrativa determinante, como Covas na Prefeitura de São Paulo. E Covas — arrematou — cumpre os compromissos assumidos, como fez na

Constituinte”. Bardella também se referiu à equipe de Covas: “Não tenho dúvidas de que é a melhor”.

Eduardo da Rocha Azevedo, presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, votou em Guilherme Afif Domingos enquanto seu filho de 16 anos, Eduardo Nogueira da Rocha Azevedo, preferiu Paulo Maluf, do PDS. “É a democracia em família”, explicou o presidente da Bovespa. Ney Castro Alves, presidente da Bolsa de Mercadorias de São Paulo, também votou no Jockey Club, não declinou seu candidato mas explicou por que o dia é importante para a democracia e para o Brasil: “A eleição ajuda até as soluções econômicas, com a possibilidade de mobilização popular para a equação dos grandes problemas nacionais”. Sentimento semelhante é o de Salim Taufic Schahin, sócio do grupo Schahin Cury que atua como banco, em imóveis, petróleo e participações: “Foi a eleição mais liberal a que assisti. Todos os eleitores tiveram acesso aos meios de comunicações para poderem escolher quem é o melhor”.

As previsões dominantes eram de que, no segundo turno, o embate seria entre Collor e Lula.

E, nesse caso, a avaliação oscila entre o respeito à decisão popular e a crítica ao radicalismo atribuído aos militantes do Partido dos Trabalhadores mais do que ao próprio Lula. “Entre Collor e Lula, temos de fazer figa e não votar na extrema-esquerda. Se o brasileiro cometer a insensatez de eleger um candidato extremado, será um retrocesso. Os empresários, de qualquer forma, não irão contra a vontade popular, continuarão trabalhando qualquer que seja o presidente”, disse Moraes. Brandão invocou a filosofia do Bradesco: “Procuramos manter a equidistância. Seja qual for a prevalência, estamos preparados para o programa que vier. Quando se diz que o banco deve irrigar a atividade econômica, temos de nos adaptar à política governamental. O banco sabe qual é o papel que deve desempenhar. Estamos inseridos dentro do programa governamental”.

Jorge Wilson Simeira Jacob, presidente do grupo Fenícia, repele análises fisiológicas: “Quem está fugindo do Brasil não é o empresário, mas a classe média baixa, como em Governador Valadares”. Sem declarar em quem deu seu voto no final da tarde de ontem, em Santo Amaro, explicou que votará, no segundo turno, “a favor do Brasil moderno”.

Uma indefinição quanto ao segundo lugar, previu Rocha Azevedo, levará turbulência aos mercados de ações, ouro e dólar. Com Lula melhor nas tendências, caem as ações e sobem ouro e dólar, admitiu.

Cochrane já havia declarado uma intenção: em hipótese alguma votaria em Lula. Inclusive, acredita que Collor ganhará o segundo turno, como também Rocha Azevedo, antecipando maiores dificuldades de juntar a esquerda. Salim Schahin prevê a vitória de Collor mas destaca o papel do Congresso: “Com uma aglutinação da esquerda, Lula poderia ser o presidente, mas o Congresso tem um papel muito importante e dificilmente ele poderia tentar implantar um regime novo contra o Congresso. Acredito inclusive que, em 1990, se a política adotada for incompatível com a realidade brasileira, já haverá um processo de rejeição muito grande”.